

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 11, número 2 (2020)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

*Vivencias Femeninas en la Agricultura Orgánica:
Cómo se Organizan las Agrícolas Agroecológicas en el
Noroeste de Rio Grande do Sul*

*Female Experiences in Organic Agriculture: How the
Agroecological Female Farmers in the Northwest of
Rio Grande do Sul are Organized*

Márcia Gilmara Marian Vieira

Universidade do Vale do Itajaí - Brasil
marciagilmaramarianvieira@gmail.com

Jocimar Fischer

Universidade do Vale do Itajaí - Brasil
fischer@edu.univali.br

Cláudia Petry

Universidade de Passo Fundo - Brasil
petry@upf.br

Como citar este artigo:

VIEIRA, Márcia Gilmara Marian; FISCHER, Jocimar; . Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 82-107, 2020. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

*Vivencias Femeninas en la Agricultura Orgánica: Cómo se Organizan las
Agricultoras Agroecológicas en el Noroeste de Rio Grande do Sul*

*Female Experiences in Organic Agriculture: How the Agroecological Female
Farmers in the Northwest of Rio Grande do Sul are Organized*

Resumo

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo desde 2008. O principal objetivo desse estudo foi conhecer o papel das mulheres agricultoras nos processos produtivos em curso voltados a atualizar o lugar do rural nas sociedades contemporâneas, a partir do sistema de produção da agroecologia. O presente trabalho possui caráter qualitativo e tratará da coleta de dados realizada junto a cinco agricultoras em três municípios do noroeste rio-grandense. No território em estudo o que chamou a atenção foi a liderança, empoderamento e autonomia frente à produção de base ecológica, defendendo a agroecologia e resistindo ao uso de produtos químicos, pois conhecem as causas relacionadas aos problemas de saúde e a contaminação do ambiente.

Palavras-Chave: Gênero; Agricultura Sustentável; Comercialização; Produção Orgânica; Soberania Alimentar.

Resumen

Brasil es el mayor consumidor de pesticidas del mundo desde el 2008. El objetivo principal de este estudio fue comprender el papel de las mujeres agricultoras en los procesos productivos en curso para recolocar el lugar de lo rural en las sociedades contemporâneas, basados en el sistema de producción agroecológica. Este trabajo tiene un carácter cualitativo y versará sobre la recolección de datos realizada a cinco mujeres agricultoras en tres municipios del noroeste de Rio Grande do Sul. En el territorio de estudio, llamó la atención el liderazgo, el empoderamiento y la autonomía frente a la producción de base ecológica, defendiendo la agroecología y resistiendo al uso de químicos del que ya conocen las causas relacionadas con los problemas de salud y la contaminación ambiental.

Palabras-Clave: Género; Agricultura Sustentable; Comercialización; Producción Orgánica; Soberanía Alimenticia.

Abstract

Brazil has been the largest consumer of pesticides in the world since 2008. The main objective of this study was to understand the role of women farmers in the ongoing production processes aimed at updating the place of the rural production in contemporary societies, based on the agroecology production system. This work has a qualitative character and will deal with data collection carried out with five farmers in three municipalities in the northwest of Rio Grande do Sul. In the territory under study, what drew attention was leadership, empowerment and autonomy vis-à-vis ecologically based production, defending agroecology and resisting the use of chemicals, as they aware of the causes of health problems and environmental contamination.

Keywords: Gender; Sustainable Agriculture; Commercialization; Organic Production; Food Sovereignty.

Márcia Gilmara Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry



Introdução

De acordo com dados extraídos do Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO – constatou-se que, desde 2008, o Brasil se transformou no maior consumidor mundial de agrotóxicos, uma vez que são despejados nas lavouras brasileiras o equivalente a 5,2 litros de agrotóxicos, por pessoa, ao ano. Os resultados desse uso abusivo são diversos problemas que incluem, desde a saúde das pessoas (produtores e consumidores) até aqueles que afetam o meio ambiente, como a contaminação do ar, da água, de animais, entre outros, destruindo assim, a fauna e a flora, ou seja, a nossa biodiversidade (CARNEIRO *et al.*, 2012).

Os agrotóxicos, que vêm sendo promovidos de forma agressiva, constituem uma preocupação global em relação aos direitos humanos, e seu uso pode trazer consequências seriamente prejudiciais ao usufruto do Direito à Alimentação. Esses são responsáveis por aproximadamente 200 mil mortes por envenenamento agudo a cada ano, das quais 99% ocorrem em países em desenvolvimento, onde as regulamentações de saúde, segurança e meio ambiente são mais fracas e aplicadas com menos rigor (BURIGO *et al.*, 2019).

Práticas mais seguras existem e podem ser desenvolvidas ainda mais para minimizar os impactos do uso excessivo e, em alguns casos, desnecessário de agrotóxicos que violam uma série de direitos humanos. O aumento das práticas de agricultura orgânica em muitos lugares mostra que a agricultura com menos ou sem agrotóxicos é viável. Estudos indicam que a agroecologia é capaz de produzir o suficiente para alimentar toda a população mundial e garantir que ela seja nutrida adequadamente (AIAASTD, 2008; REGANOLD e WACHTER, 2016; ANDERSON *et al.*, 2020).

Relatores da ONU argumentam que é falsa a afirmativa de que os agrotóxicos são necessários para alcançar segurança alimentar, defendem a agroecologia como caminho para a garantia de amplos e diversos direitos, e que a comunidade acadêmica se dedique a ampliar as evidências dos impactos de sistemas agroecológicos.

A agroecologia promove práticas agrícolas adaptadas aos ambientes locais e estimula interações biológicas benéficas entre diferentes plantas e espécies para aumentar a fertilidade e a saúde do solo em longo prazo. Na agricultura ecológica, as culturas são protegidas contra danos causados por pragas pelo aumento da biodiversidade e incentivo à presença de inimigos naturais desses insetos. A rotação de cultivos e o uso de cultivos de cobertura ajudam a proteger o solo de vários agentes patogênicos, suprimir plantas não desejáveis para determinado cultivo e aumentar o conteúdo orgânico, enquanto variedades de cultivos mais resistentes podem ajudar a prevenir doenças nas plantas (BURIGO *et al.*, 2019).

Dessa forma, a agroecologia busca combinar conhecimentos e métodos ecológicos modernos com os aspectos de conservação dos recursos da agricultura tradicional local. Ela é uma ciência que “proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável” (GLIESSMAN, 2009, p. 54).

Cultivos agroecológicos podem ajudar a garantir meios de subsistência para

pequenos agricultores e aqueles que vivem na pobreza, incluindo as mulheres, pois não há uma forte dependência de insumos externos caros. Nesses arranjos de resistência, a agroecologia é compreendida enquanto um conjunto de princípios e práticas que orientam nossas formas de habitar, conviver, comercializar, circunscrita por diferentes dimensões, como a cultural, a ecológica, a econômica, a social e a política, desdobrando-se em inúmeras experiências e iniciativas nos territórios (BURIGO *et al*, 2019).

Através das práticas agroecológicas é possível amparar a permanência das famílias no campo, as quais propiciam o manejo sustentável dos solos, a conservação dos recursos naturais, a valorização dos saberes locais e a independência dos pequenos agricultores, que comercializam seus produtos sem a presença de um intermediário (SANTOS *et al*, 2014).

As mulheres agricultoras vêm assumindo desafios de começar algo novo, confrontando a produção convencional, pondo em prática seus conhecimentos adquiridos por gerações. Focalizando a sua atuação na produção de alimentos; no cultivo de pequenos animais; na preservação e na aclimação de espécies de diferentes plantas, bancos de sementes ou de conservação; e na transmissão de conhecimentos. Muitas dessas atividades não são valorizadas socialmente, as mulheres estão quebrando paradigmas e realizando atividades consideradas apenas de responsabilidade masculina, aumentando sua autonomia, independência e empoderamento (KARAM, 2004).

A agricultura de base familiar ainda é fortemente marcada pela divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, que, por determinação da matriz social patriarcal, reserva aos homens o trabalho produtivo, público, e às mulheres o trabalho no âmbito privado¹. Esse modelo de organização do trabalho, historicamente, tem contribuído para a invisibilidade do trabalho das mulheres e para sua exclusão nos processos de capacitação, no acesso à terra, à assistência técnica, ao domínio de tecnologias e, sobretudo, à participação na divisão dos bens gerados pela produção (ACTIONAID BRASIL, 2010).

Sendo assim, as relações de gênero além de estruturarem a forma como se percebe a vida social, estabelecem um acesso diferenciado aos recursos materiais (renda, propriedade, terra e capital) e simbólicos (valores atribuídos às pessoas conforme a sua posição na hierarquia social) da sociedade entre mulheres e homens, evidenciando que as mulheres não tiveram e ainda não têm as mesmas condições que os homens para enfrentar o cotidiano da vida (SILIPRANDI, 2013).

O que não é levado em consideração é que as relações de poder, no interior da família, são desiguais e que nessas desigualdades estão em desvantagem as mulheres, desde a desvalorização do seu trabalho como agricultoras, que é considerado como ajuda, até a divisão dos bens produzidos pela propriedade no âmbito familiar. As mulheres são ainda, as principais envolvidas com as questões de saúde e educação dos filhos e têm papel estratégico na promoção de hábitos saudáveis, agindo diretamente na garantia da soberania e segurança alimentar, muito embora não haja o reconhecimento da importância de tais ações, nem por elas e nem por seus pares (SILVA, 2016).

¹ Trabalho no âmbito doméstico, voltado para as atividades de reprodução da vida, como: cuidar da casa, das crianças, preparo da alimentação, cuidados com a saúde da família.

Segundo Erikson (1976), a identidade é uma construção que acontece e se desenvolve a partir de interações sociais. E esse novo espaço de grupo, que comunga de ideais da agroecologia tais como cooperação, solidariedade, cuidado com o meio ambiente, com a saúde e com as pessoas ao redor, pode fornecer elementos importantes que vão fortalecer o conhecimento e o reconhecimento delas enquanto mulheres, mães, trabalhadoras, agricultoras e também como sujeitos ativos na história de sua unidade produtiva familiar e da comunidade.

Siliprandi (2013) aponta que tem acontecido uma importante valorização das experiências vividas nas comunidades, uma constante preocupação com a alimentação saudável e com a saúde das pessoas e do ambiente e tudo isso começa a fazer parte da discussão sobre o sistema agroalimentar.

A partir destes dados justifica-se a presente pesquisa e a compreensão sobre gênero e agroecologia, agregando conhecimentos sobre o processo de transição para produção orgânica, conhecer as ruralidades de cinco mulheres agricultoras agroecológicas do noroeste Rio-Grandense. O principal objetivo desse estudo foi conhecer o papel da mulher agricultora nos novos processos produtivos em curso voltados a atualizar o lugar do rural nas sociedades contemporâneas, a partir do sistema de produção da agroecologia. Interessou também, identificar as estratégias adotadas pelas agriculturas para a dinamização e manutenção dos modos de viver o meio rural, ao mesmo tempo identificar as possibilidades de trazer à visibilidade o espaço rural nas sociedades modernas. Pretendeu-se dessa forma, analisar aspectos de ordem socioeconômica e ambiental advindos das práticas vivenciadas pelas agricultoras, de modo a verificar se as atividades agroecológicas desenvolvidas possibilitam o fortalecimento da mulher agricultora de base familiar.

Metodologia

Com o apoio do Núcleo de Estudos em Agroecologia da Universidade de Passo Fundo (NEA-UPF) e com suas ações, a pesquisadora² decidiu construir diálogos na perspectiva de identificar, articular e promover experiências concretas no fazer coletivo junto a cinco (05) agricultoras agroecológicas do noroeste Rio-grandense. Destacando que as propriedades são certificadas junto a Rede Ecovida de Agroecologia por longa data, sendo assim enfrentaram e se fortaleceram como agricultoras.

Para a pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa, caracterizada como um estudo de caso. Este faz uso da observação participante e ao mesmo tempo, exige métodos mais estruturados, como entrevistas, pesquisa documental e caderno de campo (BECKER, 1993). O presente artigo tratará da coleta de dados realizada com cinco mulheres de três municípios que estão

2 Ao longo dos últimos cinco anos coordenando uma equipe interdisciplinar de um projeto de extensão Educação para Transformação: meio ambiente e saúde da Universidade do Vale do Itajaí-SC (Univali) e com formação exclusiva em Química me senti desafiada e consegui a aprovação no curso de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Agronomia (PPGAgro) da Universidade de Passo Fundo - RS, que tem dentro de suas linhas de pesquisas incluídos os temas dos estudos: 1. Agroecologia, horticultura e produtos naturais que busca estudar e aplicar princípios da agroecologia para alcançar formas sustentáveis e sistêmicas de produção em horticultura, fornecendo produtos naturais de excelente qualidade e com rastreabilidade.

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

localizados no noroeste rio-grandense, sendo eles: São Domingos do Sul (03); Vila Maria (01); e Três Arroios (01), os questionários semiestruturados foram aplicados e essas foram identificadas como MuAg(s) - mulher agricultora(s) - seguido de um número (1, 2, 3...) para diferenciá-las, conforme quadro a seguir:

Identificação	Caracterização das mulheres agricultoras
MuAg 1	<u>Agricultora tradicional rural</u> (ancestral) – 54 anos, mãe, sogra, avó, líder de grupo, presidente da cooperativa dos agricultores e faz parte do Grupo Ecológico Mãos na Terra de São Domingos do Sul. Apresenta identidade com a terra, tem muito conhecimento, tem muito apreço em cultivar e comercializar as plantas medicinais e as plantas alimentícias não convencionais (PANC).
MuAg 2	<u>Jovem agricultora neorrural</u> – 29 anos, mãe, nora, era estudante de história e atuante em movimentos sociais, casou-se com filho de agricultores, pioneiro da agroecologia, que iniciou a produção há mais de 20 anos e faz parte do Grupo Ecológico Mãos na Terra de São Domingos do Sul. Empreendedora, organiza e faz a gestão de um grupo de Whatsapp para a venda e entrega da cesta dos produtos orgânicos produzidos pelo grupo. Tem conhecimento e afinidades com terapias de tratamento energético, acredita que andam juntos no cuidado com o meio ambiente e, como consequência, com os clientes. Utiliza a técnica de Reiki nas plantas, nas pessoas e nos negócios.
MuAg 3	<u>Jovem agricultora camponesa neorrural</u> – 33 anos, concubinada, contadora, sucessora e faz parte do Grupo Ecológico Mãos na Terra de São Domingos do Sul. Ela saiu do campo, estudou, formou-se em Contabilidade, mas não se adaptou a vida urbana e retornou para a sua propriedade rural. Tem um potencial como empreendedora, plantou muitos pés de nogueiras e figueiras, pensando no seu futuro, tem muito conhecimento da terra e cuidados com o ambiente, procura tecnologias da agricultura orgânica e faz adaptações na propriedade.
MuAg 4	<u>Jovem, mãe, sucessora, agricultora neorrural</u> – 34 anos, saiu do meio rural para estudar, é formada em turismo e fez pós-graduação em gestão de pessoas, depois retornou como empreendedora e montou uma agroindústria no beneficiamento de panificação usando matéria prima agroecológica. Esse movimento migratório inverso foi importante, na otimização da produção e trazendo a inteligência ao trabalho rural, na profissionalização da mulher agricultora.
MuAg 5	<u>Jovem, mãe, agricultora neorrural, líder e empreendedora</u> – 34 anos, morou 6 anos na cidade, realizou o ensino médio, trabalhou em uma empresa de ônibus. Voltou para a área rural, sua identidade é com a terra e começou a produzir usando a agroecologia e cada dia mais tem certeza das suas escolhas e tem conseguido fazer com que os adeptos da agricultura convencional façam a transição dentro da propriedade do seu sogro.



A pesquisa ocorreu de maio de 2019 a maio de 2020, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UPF, sob número CAAE: 18817419.8.0000.5342 (24/09/2019) estando registrada na Plataforma Brasil. A pesquisa participativa permite a interação com as agricultoras no processo, resultando na apropriação dos resultados por parte dos envolvidos, a partir dos princípios fundamentais, enunciados por Brandão & Streck (2006), a possibilidade lógica e política de sujeitos e grupos populares serem os produtores diretos ou associados do próprio saber que mesmo popular não deixa de ser científico.

Na construção do conhecimento agroecológico, existe uma expectativa que a pesquisa participativa possa gerar novidades de processos ou de produtos, tanto para as comunidades como para os demais atores envolvidos. Assim, mesmo em propostas que buscam introduzir práticas já conhecidas em outras localidades, podem existir processos de pesquisa participativa que geram novidades capazes de promover o desenvolvimento local. Isso ocorre porque, nos diferentes agroecossistemas, são considerados os diferentes aspectos sociais, ecológicos, culturais, tecnológicos e econômicos. Com isso, em cada situação, são geradas soluções diferentes, que ajudam a diversificar as alternativas de manejo dos agroecossistemas, ampliando a agrobiodiversidade. Com a participação dos atores locais, o conhecimento local passa a ser mais valorizado e, muitas vezes, as soluções encontradas são mais sustentáveis e de fácil implementação (SOGLIO, 2017).

Alguns autores, como Pretty (1995), consideram existir diferentes “níveis de participação” das comunidades, desde a participação limitada ao recebimento de informações, até a automobilização, em que a comunidade assume a gestão dos processos.

A amostra de estudo destas cinco MuAg(s) entre 29 e 54 anos, todas são da agricultura familiar, apresentam como atividade de trabalho: produção de hortícolas, legumes, raízes (mandioca, batata doce, inhame), grãos (milho crioulo, feijão, amendoim, pipoca) plantas medicinais (funcho, tanchagem, carqueja, melissa, poejo, macela, hortelã, cavalinha, anador e babosa), temperos (alho, alho poró, cebola, pimentão, manjerona, cebolinha verde, manjeriço, tomilho, salsa, salsão, orégano, osmarin, alecrim, sálvia, pimentas), Suco de uva, vinagre e vinhos, PANC (gengibre, açafrão, peixinho), frutíferas (melancia, mamão, jabuticaba, uva de mesa, morangos, melões, limão rosa e tahiti, laranja, bergamota, lima, abacate, pêssego, pitanga, banana, amora, goiaba, noqueiras e figueiras), flores (orquídeas, rosas, margaridas, copo de leite, palma, bela dona), animais e derivados (galinha caipira, codorna, ovos caipira) agroindústria de panificação (pão de milho, integral e branco, bolacha caseira de milho, cucas, macarrão).

A maioria é proprietária das suas terras (somente uma é comodataria) e a área agricultável varia de 10 a 20 hectares, sendo a área da propriedade variando de 15 a 37 hectares. Renda familiar mensal é proveniente da comercialização dos produtos agroecológicos variando de R\$ 3.000,00 a R\$ 12.000,00. O número de pessoas que compõem as famílias é de três a seis. Quanto às características investigadas referentes ao processo de transição da agricultura convencional para a agroecologia, buscou-se levantar dados sobre a utilização dos agrotóxicos, dificuldades do processo de transição, relação com



a saúde, empoderamento feminino, processos de certificação e comercialização. Vale ressaltar que as agricultoras e pesquisadores envolvidos, são ao mesmo tempo agentes de mudança, sujeitos a serem “transformados” e multiplicadores do processo de Educação, no dizer de Paulo Freire (FREIRE, 1983).

Estratégias de Ação

As estratégias de ação desse estudo se concentraram inicialmente no contato realizado com a representante e a presidente da Cooperativa Mista e de Trabalho Alternativa Ltda (Coonalter), onde foram apresentadas as intenções da pesquisa. Após essa reunião e consentimento realizou-se a escolha das mulheres agricultoras, em seguida as ações para a consumação da pesquisa, - todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). É importante salientar, que a vivência da pesquisadora se realizou na forma de imersão, acompanhando todo o trabalho realizado pelas MuAg(s). A fase exploratória da pesquisa propiciou a familiaridade com o tema, realizada por meio de levantamento bibliográfico disponível sobre o assunto, facilitando a construção das hipóteses.

Posteriormente, a pesquisadora entrou em contato com cada agricultora, via Whatsapp para: 1. Convidá-las a participar da pesquisa (essa etapa foi facilitada junto a Presidente e secretária da Coonalter), sendo assim cada família estava esperando o contato; 2. Combinaram a data que poderia ser realizada a estadia nas propriedades para vivência e coleta dos dados, assim sendo, a chegada foi no dia 10/10/2019 na Família Ferro em São Domingos do Sul e seguiu até o dia 18/10/2019, finalizando na Família Farikoski em Três Arroios.

No primeiro momento, chegada em São Domingos do Sul, a pesquisadora focou sua atenção em conhecer a realidade vivenciada pelas MuAg(s) 1 e 2 (já que estão na mesma propriedade e desenvolvem trabalhos em parceria), explorar o território e interagir com a realização das atividades executadas no dia-a-dia, sensibilização com relação à temática de interesse; a consolidação dessa etapa foi primordial para a aplicação das ferramentas participativas que tinham sido definidas *a priori*.

A dinâmica de Grupo foi fundamental para trabalhar com grupos de pessoas, pois proporciona a vivência do conteúdo que se pretende trabalhar, bem como a interação entre os participantes, além de ser um momento de mobilização das emoções relativas ao tema discutido. A comunicação oral também estava presente durante todo o processo, foi utilizada de maneira formal, por meio de entrevistas semiestruturadas. Todavia, nessa etapa foi necessária uma postura dialógica e aberta por parte dos atores para que se estabelecesse uma relação autenticamente horizontal na troca e construção de conhecimento. Finalmente, para complementar utilizou-se a técnica de visualização de suma importância na sistematização dos conhecimentos.

Na pesquisa participativa, é importante que as relações entre os participantes, atores locais, mediadores e pesquisadores sejam mais simétricas. Para isso, é necessário dedicar tempo à aproximação e à negociação, assim como desenvolver capacidade de comunicação e de percepção das realidades locais. Assim, esse tipo de pesquisa requer profissionais que saibam se colocar



no lugar dos outros e desenvolver estratégias que facilitem a participação (SOGLIO, 2017).

No domingo à tarde foi organizada pela MuAg 1, Presidente da Coonalter, uma dinâmica de grupo através de uma “Roda de Conversa” junto às mulheres agricultoras da região de São Domingos do Sul e do município de Casca/RS, essa dinâmica teve como intuito falar sobre agroecologia e feminismo.

Na segunda-feira, a pesquisadora a convite da Presidente da Coonalter, teve a oportunidade de vivenciar a Plenária Anual da Rede Ecovida Núcleo Planalto com o objetivo de trocas de experiências, crescer no conhecimento e alcançar as metas dentro da Agroecologia, além das formações específicas oferecidas para todos os participantes, sobre novas tecnologias de manejo como, por exemplo: Modelos de Sistemas Agroflorestais; Manejo do solo e sua capacidade de recuperação; Defensivos Biológicos certificados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

E na terça-feira pela manhã reunião na Coonalter com representantes da UPF, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (EMATER), Presidente e secretária da Coonalter. Essa teve como meta conhecer todos esses integrantes de diferentes instituições, apresentar o objetivo da pesquisa e depois a Presidente da Coonalter falou das visitas realizadas por ela nos agricultores integrantes da Coonalter e assuntos referentes a feira ecológica.

Para fechamento das ações dessa pesquisa, realizou-se as vivências nas diferentes propriedades das MuAg(s) e a aplicação do questionário semiestruturado), durante a estada na casa de cada uma delas. Esse instrumento de pesquisa foi dividido em três (03) etapas, sendo: 1. perfil socioeconômico; 2. processo de transição da agricultura convencional para a agroecologia; 3. finalizando com as questões relacionadas ao paisagismo.

O período de estudo de campo foi em outubro de 2019, todos os dados foram coletados apenas uma vez e a condição socioeconômica foi coletada por meio do questionário semiestruturado e previamente testado. O contato com todas as agricultoras perdura via *whatsapp*.

Quanto às características referentes ao processo de transição da agricultura convencional para a agroecológica, essa etapa do questionário foi constituída por 33 perguntas, que permearam desde a utilização dos agrotóxicos, relação com a saúde, dificuldades do processo de transição, as principais necessidades na produção agroecológica, conceitos sobre agricultura e agroecologia, empoderamento feminino, processos de certificação e comercialização, a importância dos espaços de formação e perspectivas futuras das famílias e grupos. Nesse artigo não vamos abordar a terceira parte que tratou sobre o paisagismo.

Esses pressupostos nortearam a metodologia utilizada junto as cinco agricultoras agroecológicas do noroeste Rio-grandense para o alcance dos objetivos propostos. O poder e a autonomia são questões centrais para as mulheres que estão envolvidas com a Agroecologia. Segundo a análise de Valoura (2005-2006, p. 3-4), no que concerne à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o “empoderamento pode ser visto como a noção Freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física, ou de qualquer outra natureza”.

Resultados e Discussão

*“O agricultor faz muita diferença na sociedade, faz de verdade...”
(MuAg1)*

A Agricultura Familiar é responsável por grande parte dos alimentos que chegam à mesa da maioria dos brasileiros. A produção de base ecológica é uma demanda de toda a sociedade, pois o uso de agrotóxicos causa problemas a saúde dos produtores e consumidores de alimentos e ao meio ambiente. Neste contexto, a agroecologia previne a exposição direta a agrotóxicos e ajuda a melhorar a qualidade do ar, do solo, das águas superficiais e subterrâneas.

Os resultados conquistados através do avanço das atividades expressaram dados relevantes para a construção de saberes, bem como para a transformação dos envolvidos, esses foram assimilados, a partir das distintas estratégias trabalhadas. Serão apresentados primeiramente as observações do período de imersão, dados de organização e comercialização e em seguida, as temáticas abordadas nas entrevistas.

Observações Coletadas no Período de Imersão

Na chegada da propriedade das MuAg(s) 1 e 2, a pesquisadora acompanhou e participou de todo o trabalho realizado:

1º - Acordar às 6h, preparar a refeição matinal e “adiantar o almoço”;

2º - Laboração da agricultura, realizada pela família da MuAg 1 e 2, colheita - hortícolas, plantas medicinais, PANC, temperos, frutas e flores – essa atividade foi das 7h às 12h (importante salientar que a pesquisadora participou efetivamente, sendo responsável pela colheita da camomila e de algumas PANC que foram para a feira) - conforme Figura 1.

Figura 1 - Colheita das hortícolas, plantas medicinais, PANC, temperos, frutas e flores das MuAgs 1 e 2



Fonte: Autores.

3º - Preparação e organização dos produtos orgânicos para a feira (13h às 21h), nessa etapa todo o processo de sistematização e organização dos produtos é realizado pela MuAg 1 que prepara todas as plantas medicinais, PANC e flores; MuAg 2 separa, limpa e prepara os maços dos temperos (aqui a pesquisadora ficou ao lado da MuAg 2 para que pudesse ajudar e trocar saberes desse processo); e os dois filhos da MuAg 1 (um é casado com a MuAg 2) limpam e organizam todas as hortícolas e frutas – enquanto nesse

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

momento o vô cuida do neto de dois anos (filho da MuAg 2). Depois que tudo está pronto a família carrega tudo no caminhão, o vô vai até a propriedade da MuAg 3 para carregar outros produtos, conforme Figura 2.

Figura 2: Limpeza e organização dos produtos para a feira realizada pela família das MuAgs 1 e 2



Fonte: Autores.

4º. Participação na Feira ecológica e sustentável da Coonalter de Passo Fundo – RS - acordaram sábado às 4h e chegaram no local da feira às 5h, iniciou-se a organização do espaço que é dividido pelo Grupo Ecológico Mãos na Terra de São Domingos do Sul (MuAg 1, 2 e 3 participam desse grupo), às vendas começam às 6h e terminam às 12h - conforme Figura 3 - (limpam o espaço, carregam os produtos que não venderam, alguns produtos são doados para instituições e outra parte é levado e entregue para famílias do município de Casca-RS que é caminho de casa).

Figura 1 - Colheita das hortícolas, plantas medicinais, PANC, temperos, frutas e flores das MuAgs 1 e 2



Fonte: Autores.

No sábado a noite, logo depois do jantar, a pesquisadora convidou a MuAg 2 e depois a MuAg 1 para poder aplicar o instrumento de pesquisa (o questionário semiestruturado), permaneceram num espaço reservado na casa de cada uma delas, esse processo durou aproximadamente 1h30min para cada.

No domingo, a pesquisadora foi para a propriedade da MuAg 3, chegou às

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

8h:00 e foi acolhida pela mãe da agricultora na chegada da sua casa, em seguida foi encontrá-la na laboração da lavoura, ela é jovem e também é uma neorrural, estava irrigando as hortícolas das estufas. No acolhimento ela foi logo apresentar e explicar como é o processo de sistematização do trabalho semanal, apresentou todos os produtos que são cultivados (o que chamou muita a atenção da pesquisadora é o fato como a MuAg 1, 2 e 3 participam do mesmo grupo, mas produzem diferentes alimentos, tudo isso faz parte da organização e da gestão do negócio).

A MuAg 3 dirigindo o seu trator, convidou a pesquisadora para conhecer sua propriedade, essa mulher é uma grande empreendedora ecológica, sua propriedade é muito rica em águas, tem nascentes e um riacho que passa no meio do território, ela tem muitos pés de nogueiras e figueiras (são dois espaços reservados para esses cultivos) além dos demais reservados para a produção das hortícolas, grãos, raízes, ervas medicinais e frutas como bergamota, limão, laranja, lima, figo e morangos (esses são cultivados em estufas construídas pela família, todas com irrigação própria) - conforme Figura 4.

Figura 4 - Espaços de cultivos das hortícolas, nogueiras e figueiras da propriedade da MuAg 3



Fonte: Autores.

Logo após o almoço em família, a pesquisadora convidou a MuAg 3 para poder aplicar o instrumento de pesquisa (o questionário semiestruturado), permaneceram num espaço reservado e essa durou aproximadamente 1h30min, depois disso retornou para a propriedade da MuAg 1.

Já na casa da MuAg 1, houve o encontro “Roda de conversa” (Figura 5) do grupo de oito mulheres (por não participarem da pesquisa não receberam codinomes) sendo uma das integrantes desse encontro a mãe da MuAg 3 que participou da conversa e contribuiu muito com sua experiência na agroecologia.

Figura 5 - Roda de Conversa sobre Agroecologia e Feminismo na propriedade da MuAg 1



Fonte: Autores.

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry

A MuAg 1 estava muito animada, já tinha preparado uma mesa com café, sucos, bolos, pães, queijos e frutas; elas estavam conversando sobre assuntos cotidianos, quando cheguei fui me apresentar, falar das intenções da minha pesquisa relatando minha experiência dentro da agroecologia e gênero. Todas essas mulheres demonstraram muito interesse na temática e depois puderam contribuir e participar dando seus relatos:

“Quando estamos reunidas é um divertimento, esquecemos as preocupações, conversamos umas com as outras, tiramos as dúvidas, trocamos ideias e assim fica mais gostoso de trabalhar” fala de uma mulher participante da roda.

[...] ser agricultora, dona de casa, avó, mãe, companheira, amiga, responsável, compreensiva, carinhosa, dedicada, sonhadora, batalhadora, agroecológica, que cuida do ambiente e da saúde. Ser mulher é tudo isso, porque tem o dom de guerreira. (MuAg 1)

“Escutar essas experiências gera esperança em mudar minha propriedade para plantar saúde e sustentabilidade como vocês estão falando”, fala de outra mulher convidada.

A experiência e troca de saberes das mulheres contribui para diminuição da desigualdade entre homens e mulheres, aumentando a autonomia e empoderamento. Foi possível perceber que as mulheres conversam sobre produção, comercialização e trocam experiências de vida e de agroecologia, nas quais narram como estão dividindo o tempo entre o trabalho da agricultura, doméstico e do cuidado com os animais.

As metodologias participativas, como a agroecologia, têm avançado em relação ao modelo patriarcal, e a MuAg 1 com sua experiência de vida é uma referência de resistência e sabedoria na comunidade de São Domingos do Sul - RS. A tentativa de desconstruir as desigualdades de gênero na agricultura familiar tem reproduzido o conceito de família nuclear e adotado a ideia de transversalidade para tratar dessas desigualdades. Assim, vem incentivando as demais mulheres da sua região a criarem coragem para a mudança e transformação de vida dentro da agroecologia.

Na segunda-feira, houve a Plenária Anual da Rede Ecovida Núcleo Planalto em Santo Antônio do Palma - RS, no “Centro agroecológico” (prédio construído com recursos municipais e do governo federal, via Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005-2008), situado ao lado da propriedade de um produtor orgânico de grãos referência na região.

Essa teve o intuito de apresentar as diversas situações que acontecem em cada grupo e em conjunto todos os participantes resolvem os problemas (uma situação que foi decidida nesse encontro foi a retirada de uma família pertencente a esse núcleo, devido a problemas de violência doméstica, como não é admissível essa condição pela Rede Ecovida, e foi com muita dificuldade os integrantes precisaram tomar essa decisão). Os integrantes do grupo entendem que essa foi uma decisão embaraçosa, pois acreditam que “a mulher agredida” ao mesmo tempo estava sendo “abandonada”, mas como “exemplo” para os demais tomaram a decisão de excluir essa família. Depois disso, seguiram o dia, com formações e relatos sobre experiências adquiridas por alguns grupos, momento de muito aprendizado e trocas sobre tecnologias que

podem ser utilizadas na agroecologia.

É importante salientar que nessa plenária os participantes eram na maioria homens, deixando a pesquisadora muito intrigada, então, decidiu em determinado momento pedir a palavra e questionou os líderes da reunião: “Gostaria de entender qual o motivo desta plenária ter a maioria formada por homens, sendo que a agroecologia e o feminismo andam juntos?”, para sua maior surpresa, um dos participantes levantou e respondeu que ali no Rio Grande do Sul quem “manda são os homens”. Ainda não convencida, resolveu fazer um relato perante o grupo: “durante minha estada nas propriedades, tinha identificado que em todos os processos a força do trabalho é predominantemente realizada pelas mulheres, e que isso justificava que elas deveriam se fazerem presentes nessas reuniões”. Os jovens e as mulheres agricultoras se manifestaram e concordaram, falando que precisam valorizar e incentivar o feminismo no grupo, inclusive foi sugerido que formações fossem oferecidas para aumentar a autonomia e o empoderamento das mulheres agricultoras. Enfim, foi um importante momento de reflexão ao colocar o contraditório existente, trazendo resultados da pesquisa-ação.

A pesquisadora após a plenária foi para a propriedade da MuAg 4 em Vila Maria - RS, chegou na propriedade já estava escuro, passava das 19 h, juntou-se a família numa “Roda de Conversa”, estavam presentes a MuAg 4, seu pai, mãe, irmã, filha e mais tarde chegou seu marido. Todos estavam interessados em conhecer sobre as vivências da pesquisadora, que contou suas experiências e trocaram informações sobre o uso intensivo dos agrotóxicos e os malefícios causados para a saúde das pessoas e do ambiente. Após o jantar, perto das 21 h a MuAg 4 foi convidada a fazer a entrevista e se dirigiram para um ambiente reservado, dentro do Espaço Agroindústria, que fica na parte do térreo da propriedade, essa durou aproximadamente 2:30 h, pois essa MuAg fez relatos detalhados sobre sua vida desde a infância e o convívio com a situação do veneno usado pelo pai.

Na terça-feira pela manhã a pesquisadora fez uma visita ao redor da propriedade, visitando a horta cultivada pela MuAg 4 e sua mãe, e o lindo jardim que elas cuidam com muito esmero. Logo em seguida a mulher foi para a sua agroindústria de panificação e depois saiu para distribuir os produtos para a comercialização na cidade de Vila Maria - RS, já que ela participa do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Na propriedade os espaços de cultivo de hortícolas, plantas medicinais, frutas, flores e a agroindústria, são síncronos, conforme Figura 6.

A MuAg 4 morou na cidade, fez graduação, pós-graduação e casou-se com um cidadão e retornou para o campo, sendo assim considerada neorrural, seu retorno tem ressignificado esse espaço como um lugar bom, onde elementos como tranquilidade, calma, contato com a natureza podem ser desfrutados neste estágio da modernidade.

As novas formas de sociabilidade a partir de estudos realizados na França pelo geógrafo francês Bernard Kayser e que o autor denomina como renascimento do rural. Esse processo é “[...] identificado pela mudança do ritmo do êxodo rural, que estaria dando lugar a um movimento, ainda de difícil quantificação, de retorno da população urbana ao campo [...]” (KAYSER, 1990 *apud* CARNEIRO, 2012).

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

Figura 6 - Espaço da propriedade, da agroindústria e produtos de panificação da MuAg 4



Fonte: Autores.

O processo de revalorização do campo como espaço de trabalho e moradia averiguado pelo retorno de cidadãos ao campo foi constatado pela primeira vez na França no final da década de 1960 e denominado como neo-ruralismo. Stropasolas (2006) cita como exemplo, a reocupação de áreas montanhosas do sul da França por pessoas oriundas da cidade ou mesmo do campo, mas com passagem pelo meio urbano.

Ainda na terça-feira a pesquisadora seguiu sua viagem para Passo Fundo, onde participou de uma reunião junto aos membros da Coonalter, nesse encontro estavam presentes a Presidente da cooperativa, secretária, o contador e professor pesquisador da UPF, colega da UPF integrante do NEA e também estavam técnicos da EMATER e da CETAP. Nesse encontro foram falados assuntos relacionados a organização da Coonalter e da feira ecológica e métodos sustentáveis que devem ser adotados pelos consumidores, como as sacolas retornáveis, realizado também um relato sobre a conclusão das visitas nas famílias feirantes que são associados da cooperativa.

Logo depois do almoço, a pesquisadora seguiu para o município de Três Arroios - RS, na propriedade da MuAg 5, chegou na cidade já era noite e o marido dessa mulher estava esperando para acompanhá-la até a propriedade, cinco km distante da cidade, onde foi recebida com muito carinho pela família. MuAg 5 mora na propriedade do sogro, sogra e seu cunhado, sendo que o marido e o filho moram na área urbana, sendo ele funcionário público e seu filho estuda na escola do município.

MuAg 5 é jovem e cheia de vida, uma pessoa muito bem humorada e trocou a vida da cidade porque sua identidade é na área rural ou seja, ela também é uma neorrural, se associou com a sogra que é uma mulher forte e muito trabalhadora, as duas dividem as atividades de manejos do solo, cultivos, colheitas e cuidado com as galinhas fazem todo o trabalho em parceria. Desde a preparação do café matinal, preparo do almoço, jantar e ainda acham tempo para a convivência familiar e para um bom chimarrão que faz parte da tradição.

No período matutino e vespertino, eu acompanhei essas duas mulheres, com

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry

Vivências Femininas da Agricultura Orgânica: Como se Organizam as Agricultoras Agroecológicas do Noroeste Rio-Grandense

o apoio do sogro (que nos últimos tempos começou a ajudá-las na produção agroecológica, pois antes plantava junto com seu filho mais novo, fumo com veneno), em toda a labuta na lavoura, fizeram o manejo dos brócolis e também de todos os pés de tomates, também colheram e lavaram 50 pés de alface que foram entregues para compor a cesta de orgânicos. O trabalho realizado por essas duas mulheres é muito cansativo, participei desde a hora que elas acordaram, elas fazem todas as funções que planejam pela manhã, mas perto das 18 h eu estava exausta e fui me recolher, mas elas continuaram até terminar tudo, o que estava programado, ficando até às 20 h na produção da lavoura.

Durante a manhã, visitamos o orquidário que é maravilhoso, uma diversidade muito grande no meio do bosque, espaço de muitas árvores e cultivos de plantas ornamentais, esse espaço é de bem-estar e de muita estima por essas mulheres. Elas destinam uma parte da renda para adquirirem novas espécies de orquídeas e também comercializam na feira e fazem trocas com visitantes que visitam a propriedade com esse intuito.

O pomar de frutíferas é outro lugar caprichado e muito bem cuidado na propriedade, aproveitamos para colher pêssegos fresquinhos, com um sabor indescritível, banana, figo, limões, pitanga, jabuticaba e nectarina.

A vivência durante dois dias junto dessa família foi inarrável, pois existe muita harmonia e solidariedade em tudo o que participei, Em todos os processos é tudo combinado e realizado com tranquilidade, na verdade a sensação era que essas mulheres não estavam trabalhando, estavam sempre felizes e contando histórias agradáveis, esse tempo passou como uma “brisa”, rápida demais.

Como pesquisadora penso que a família da MuAg 5 contempla a agroecologia de forma plena, plantam, se alimentam, comercializam e vivem com saúde, qualidade e felicidade, ela fala: “Quando alguém se encontra com seu dom é mais ou menos isso que acontece, seu trabalho se torna algo leve, prazeroso inspirador você não trabalha, você se diverte. Gratidão mãe terra por tudo!” - conforme Figura 7.

Figura 7 - Momentos diários de trabalho vivenciado pela MuAg 5



Fonte: Autores.

Atualmente, considera-se que houve mudanças significativas na vida dessas mulheres, não só na relação com o ambiente, como também com o crescimento pessoal de cada uma. Foram elas próprias os sujeitos responsáveis por essas mudanças, pois, para chegar ao nível de conscientização e empoderamento, tiveram que quebrar várias barreiras dentro de suas próprias famílias. O inserir-se na comercialização e algumas delas serem as gestoras dos grupos foi um

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry

fator essencial para que, dentro de casa, se percebesse o potencial dessas mulheres, o papel de multiplicadoras de conhecimentos tem se concretizado e as mulheres têm assumido cargos de lideranças em suas comunidades, dentro das associações.

Organização e Comercialização

Em Passo Fundo, a Coonalter, há 22 anos, organiza as Feiras Ecológicas e Sustentáveis. Semanalmente, a entidade articula o trabalho do campo aos moradores da cidade em cinco feiras orgânicas. São 81 famílias que produzem os alimentos e expõem nas bancas, divididos em sete grupos e associações de agricultores, todas elas têm produções específicas que são colhidas na sexta-feira e disponibilizadas no sábado, mas os espaços de comercialização são coletivos.

Durante a participação da pesquisadora na Feira Ecológica em Passo Fundo no sábado, várias situações chamaram a atenção, alguns pontos relevantes:

1. São sete grupos que participam da feira na Praça Irmã Maria Catarina popularmente conhecida como a Praça da Mãe, a quantidade e variedade de produtos comercializados é grande, desde produtos in natura até produtos beneficiados da panificação (muita diversidade: pães, bolachas, cucas, bolos...), aos queijos, sucos, vinhos, vinagres...;

2. Os grupos chegam no espaço próximo das cinco horas da manhã, vindo de diferentes municípios e começam a organizar as bancas - mas esse é um processo muito rápido - pois a partir das 6 h os consumidores iniciam a comercialização, esses já estão familiarizados com os feirantes³, portanto, conhecem a qualidade e a diversidade dos produtos fazendo suas escolhas;

3. O grupo Mãos na Terra possibilitou a participação em todas as etapas, organização dos produtos nas bancas, vendas, contato com os consumidores e demais feirantes. Mas, o que inicialmente eu não compreendia como esse grupo realizava a venda de todos os produtos misturados e no final como poderiam saber o que cada um tinha vendido?

Então, a MuAg 3, que é contadora e participante do grupo Mãos na Terra, depois explicou como tudo funcionava, ela primeiro salientou que para isso funcionar durante mais de 20 anos, a primeira coisa que precisa existir é a “confiança, comprometimento no trabalho e respeito”.

Depois relatou que cada família sabe exatamente a quantidade de produto que leva para a feira e no final contabilizam o que foi vendido, mas isso é feito tão automático que não consegui perceber durante a trajetória da feira. Na terça-feira é o dia que a MuAg 3 realiza o fechamento do caixa e calcula o que foi comercializado no sábado, entrega o capital para cada família. E como o caminhão que leva os produtos para a feira é do grupo, então eles também dividem as despesas e tem um caixa para qualquer eventualidade. Como já foi citado, os grupos doam aproximadamente 200 toneladas de alimentos anuais para doze instituições sociais do município de Passo Fundo.

Outra observação evidenciada é que em todas as bancas existe a

3 Os produtores feirantes são agricultores familiares agroecológicos que não somente são responsáveis pela produção agrícola, mas também de comercializá-la em circuitos específicos, como é o caso das feiras livres.

diversificação dos produtos ofertados por cada agricultor. Com relação aos valores e tamanhos dos molhos observou-se que os preços ofertados na Feira Ecológica de Passo Fundo - RS podem ser comparados aos produtos convencionais, por esse motivo a circulação de pessoas é muito grande (alimento acessível para toda a população, sem essa mistificação que os produtos orgânicos devem ser mais caros) e os tamanhos dos vidros de molhos serem de 500 mL (grandes) são sempre padronizados (isso foi acompanhado pela pesquisadora no momento da organização na propriedade da MuAg 1 e 2, os molhos são pesados para que não fiquem desproporcionais), isso gera muita satisfação pelos consumidores que sabem que estão adquirindo alimentos saudáveis e de qualidade em todos os aspectos (tamanho, sem venenos, frescos e bom preço).

Tal ponderação leva à reflexão de que os custos de produção e o alcance em uma metrópole são diferentes daqueles vigentes em uma cidade de menor porte, assim como a necessidade de satisfazer o consumidor que procura bons produtos, mas que ainda espera preço não muito diferente do aplicado nas feiras convencionais e nas redes de supermercados.

A MuAg 1 foi questionada sobre os valores aplicados na comercialização dos produtos e ela afirmou: “os custos da produção são menores que da produção convencional, pois não precisam comprar insumos químicos, não fazem dívidas em bancos e que a venda dos produtos orgânicos com certeza gera lucros”, pois a comercialização dos produtos nas feiras e com as cestas que são entregues gera o sustento do Grupo Mãos na Terra.

A MuAg 5 também é uma líder e empreendedora, ela é a responsável pelo Grupo Três Arroios (seis famílias compõem esse grupo), participante ativa da feira ecológica todos os sábados e como diz ela: “faça chuva ou faça sol, não importa se é feriado a feira é nossa vida”. Na madrugada de sábado, junto com o marido passam nos demais produtores do grupo e carregam todos os produtos, montam a banca e tem uma clientela muito fiel (pois ela é uma simpatia em pessoa), e também vendem cestas de orgânicos na cidade de Erechim-RS (próximo de Três Arroios), onde tem uma outra mulher que auxilia nesse processo de comercialização.

A Feira de Produtos Ecológicos da Coonalter ficou conhecida e é exemplo em muitos lugares da região, do estado, do país ou mesmo de outros países do mundo. Além dos princípios agroecológicos, os ideais do Cooperativismo e da Economia Popular Solidária fazem parte da vivência dos feirantes.

Segundo Silva et al. (2018), o lucro obtido a partir de feiras agroecológicas é capaz de fortalecer o empoderamento econômico das mulheres, o que favorece o sentimento de liberdade e autonomia por terem seu próprio dinheiro, além do fato de que quando a própria agricultora vende o seu produto isso passa maior credibilidade ao cliente, que tem certeza da qualidade do produto que está adquirindo.

A produção e consumo de alimentos ecológicos é uma prática que integra produtores e consumidores, oferecendo saúde através de alimentos isentos de venenos, adubos químicos e sementes modificadas geneticamente. A ampla demanda dos consumidores contemporâneos por alimentos mais limpos e mais saudáveis vem ao encontro do conceito de segurança alimentar, fundamentado na consciência ambiental e na soberania alimentar, que entende o consumo e a

alimentação como um ato político, capaz de apoiar o desenvolvimento de atividades que tenham como princípio a sustentabilidade, controle social e respeito aos processos ecológicos, preservando assim a sociobiodiversidade.

A certificação participativa é realizada por uma rede de agricultores que se fiscaliza mutuamente, e contribui para o desenvolvimento das tecnologias e práticas adotadas pelas MuAg(s) porque promove a troca de informações e com isso gera maior rendimento da produção. Em contrapartida, há maior demanda de trabalhos para a realização dos controles da produção e alguns custos podem ser atribuídos à essa demanda. Acrescenta-se ainda que o processo de certificação participativa colabora para a troca de experiências, fazendo com que se organizem em grupos sociais. Essa organização social é fundamental para a manutenção da saúde mental de trabalhadores rurais (POLETTI, 2009).

As propriedades das MuAg(s) são certificadas junto a Rede Ecovida de Agroecologia por longa data, sendo assim enfrentaram e se fortaleceram como agricultoras. Essa Rede se articulou como tal em 1998, mas ela existia como movimento antes mesmo de sua existência legal. Desde meados dos anos 80, em diferentes lugares do Sul do país, começaram a se desenhar novas formas de produção, processamento, circulação e consumo de alimentos. Produzindo sem o uso de agrotóxicos e adubos de alta solubilidade, em cumplicidade com a natureza, a partir principalmente da experiência das mulheres agricultoras. Criando circuitos de comercialização os mais curtos possíveis, aproximando produtor e consumidor e buscando dividir os ganhos de forma justa (ROVER, 2011).

Os agricultores se fiscalizam mutuamente, contribuindo para o desenvolvimento das tecnologias e práticas adotadas, promovendo a troca de informações, incentivando o processo de organização em grupos sociais e com isso gerando maior rendimento da produção, isso é fundamental para a manutenção da saúde mental dos trabalhadores rurais.

Processo de Transição e os Agrotóxicos

Primeiramente, o que se pretendia entender é sobre a utilização dos agrotóxicos e as dificuldades para a transição para uma agricultura sustentável. O primeiro relato impactante foi na fala da MuAg 1, ao dizer que “já usei agrotóxicos, em 1975, na época a agricultura era muito precária, tudo muito difícil, falta de dinheiro, custo alto na produção e valor agregado ao produto muito baixo... daí veio a Revolução Verde e chegou os agrotóxicos, adubos, uréia, defensivos e secantes. Mas foi no ano de 1990, quando fui morar na propriedade do meu marido, naquela época se lavrava toda a terra, depois era gradeado a boi, muito trabalhoso, usavam secante, ela acredita que devia ser o glifosato ou o DDT, mas não foram muitos anos, a partir de 1998 começaram a participar da feira e iniciou-se o processo de transição para uma agricultura limpa”.

Na propriedade da MuAg 1 são realizadas práticas de produção agroecológica, como a “manutenção de cobertura viva” (p. ex.: introdução de plantas perenes e culturas de cobertura), coberturas do solo com galhos picados e restos de folhas para manutenção da umidade (essa prática é recente,

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry



mas estão vendo resultados muito promissores), policultivos consorciados, fertilizantes orgânicos e plantio direto, com isso constataram o aumento da biodiversidade dos sistemas agrícolas e subsequentes serviços ecossistêmicos. Especificamente, esses serviços incluíram a diminuição do escoamento superficial, da erosão do solo e da lixiviação de nutrientes, aumentando o armazenamento de carbono e a intensificação da produtividade (BASCHE & EDELSON, 2017).

A MuAg 2, diz que nunca usou agrotóxicos, é uma defensora desse modo de produção e se identifica na nova ruralidade. Ela relata “quando vim conhecer a propriedade senti algo muito bom, parecia que eu já vivia aqui. Então, mudei em 2016 comecei a me adaptar a toda essa vida nova, construí minha família e hoje meu filho de 2 anos já nos acompanha nos trabalhos da lavoura. E os conhecimentos que trouxe da vida urbana, auxiliam no processos de organização e gestão, atividades burocráticas e de divulgação nas redes sociais que são utilizadas”.

A ruralidade, portanto, é compreendida como associada a um modo de ser e de viver mediado por uma maneira singular de inserção nos processos sociais e históricos (KARAM, 2004). E ainda, aliada a “um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas” (SALVARO *et al*, 2014). Os estudos de gênero em espaços rurais indicam a conceitualização de ruralidade como espaço vivo de criação, performance, contestação e negociação dos “papéis” de gênero (LITTLE e PANELLI, 2003).

Já, a MuAg 3, filha de agricultores, tem os pais que usaram agrotóxicos nas lavouras de milho e soja por mais de 10 anos. Ela relata “naquela época as condições financeiras não eram boas, não tinha crédito agrícola para comprar maquinário como tem de uns anos pra cá, sem pulverizador a trator, eles pagavam alguém pra fazer isso, mas muitas vezes o pai passava agrotóxicos com a máquina costal, em lavoura. Então um desgaste muito grande pelo trabalho árduo e o perigo de usar os agrotóxicos em uma área de terra considerável com a máquina nas costas”.

Também, segundo ela, havia fatores como a geografia (relevo) da terra não ser favorável para esse tipo de culturas, causando desânimo. Lembrou-se do pai falar diversas vezes que não queria mais passar veneno com o pulverizador costal, mas ali naquela época era tudo difícil, era muito mais braçal o trabalho. Hoje, já se tem o maquinário básico, antes, tinham que roçar com foice ou uma roçadeira que ia encaixada na motosserra que era pesada. Para adubar as plantas tinham que ir de carroção, onde com a pá, carregavam, descarregavam e adubavam as plantas. Agora eles tem o trator que carrega o adubo orgânico.

Mas essa jovem agricultora, formada em contabilidade, saiu do campo, foi estudar e retornou para o rural, mas definitivamente fala que nunca usou agrotóxico e se tivesse que usar abandonaria a agricultura. Ela sabe o que quer e tem certeza daquilo que conhece uma mulher resiliente, inteligente e uma empreendedora que tem visão de futuro. Apesar de todos os obstáculos e limitações de natureza técnico e econômica afirma que é possível criar condições para que possamos ter uma agricultura mais sustentável, reduzindo drasticamente os impactos ao meio ambiente, ao mesmo tempo em que se estimula a inclusão social e a melhoria da saúde e qualidade de vida da

Márcia Gilmar Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry



população rural.

Já a MuAg 4 fez um relato dos seus pais: “eles aprenderam dessa forma, as empresas apresentaram os agrotóxicos, incentivaram e ensinaram, sendo assim acreditavam que era mais fácil, utilizavam conforme as indicações que receberam dos técnicos, mas eu de fato não acompanhava isso, sempre tive muita preocupação com as águas da região (percebia que tudo era carregado), saúde familiar, do trabalhador e ambiental, pois a propriedade está numa região de muitas nascentes, sem proteção”. Hoje ela é uma mulher empreendedora rural, juntamente com sua mãe (na propriedade dos seus pais), montou uma agroindústria de panificação usando matéria prima que adquire da agricultura familiar com produção agroecológica.

Ela fez uma reflexão a respeito da sua inquietação com a utilização massiva dos agrotóxicos, acredita que esses causam uma série de danos a saúde e ao desequilíbrio ambiental, fala que o seu território tem arroio, rios, águas, nascentes “sem proteção” e que a atividade leiteira exige bastante da propriedade, pastagem e produção de grãos para alimentar o gado. Mas passava o tempo e ela percebia que a propriedade era “sugada”, as atividades praticadas não condiziam com o ambiente e a paisagem daquela região, mas nunca entendeu as escolhas do pai, do tio e agora de um primo que é engenheiro agrônomo e além de vender esse “pacote de insumos” continua incentivando todo esse processo, isso tudo é cômodo e tem interesses econômicos.

Essa situação vem de muitos anos, ela não conseguiu modificar, porque vem passando de gerações, mas devido ao negócio que ela implantou na propriedade, conseguiu realizar a transição agroecológica da agroindústria de panificação, compra farinha certificada orgânica dos agricultores agroecológicos. Toda a matéria prima é certificada e, portanto ela tem a certificação da Rede Ecovida nos produtos processados como pães,ucas e bolachas que são livres de agrotóxicos. Ela também conseguiu convencer que a família não usasse mais sementes transgênicas na propriedade e tem a própria horta para produção dos alimentos da família, cultiva frutas e flores nos jardins da propriedade.

Fala que desde criança sente os efeitos dos agrotóxicos, sempre teve problemas respiratórios e hoje em dia quando sente o cheiro quando estão aplicando nas redondezas, recolhe sua filha para dentro de casa. E ainda sobre o ambiente, diz que o escoamento das culturas tratadas pode poluir o ecossistema circundante (principalmente as águas, já que aquela região é rica em nascentes), com consequências ecológicas imponderáveis.

A MuAg 4 tem plantado muitas árvores ao redor da propriedade para proteger dos agrotóxicos, tenta fazer uma barreira, pois essa está numa baixada, e o vento traz muito cheiro e isso deixa a família muito vulnerável a contaminação, relata que sente o cheiro do “2,4-D”, então, correm e fecham a casa. Se preocupa com a filha, se questiona se vai precisar se mudar dali, gostaria de ter mais filhos e sabe o quanto isso tudo é perigoso. Os agrotóxicos também diminuem a biodiversidade dos solos o que pode levar ao decréscimo nos rendimentos de culturas, trazendo transtornos à segurança alimentar.

Reforçando essa ponderação, de acordo com Rigotto, Vasconcelos e Rocha (2014), o fato da população estar diretamente exposta ao uso de agrotóxicos

faz com que eles se tornem um importante problema de saúde pública. Nos últimos anos as intoxicações por agrotóxicos aumentaram 126,8% (apesar da subnotificação), sendo que o crescimento foi maior entre as mulheres, 178%. Também, Faria (2007) mostra que apesar do aumento no número de pesquisas brasileiras referente ao impacto do uso de agrotóxicos na saúde humana, mostra-se ainda insuficiente para compreender a carga química de exposição, tanto na relação ocupacional quanto na saúde do consumidor. E ainda tem pouco efeito quando comparado ao efeito midiático da mensagem que agro é pop, tech é tudo, sempre valorizando a agricultura intensiva produtivista.

E finalmente, a MuAg 5, morou na colônia desde criança, depois que se casou foi plantar fumo, usou agrotóxicos durante dois ou três anos (passava “secante”), resolveu tentar a vida na cidade, trabalhou numa empresa privada durante seis anos, mas resolveu retornar para o rural, porém decidiu cultivar sem agrotóxico, depois fez a transição agroecológica, recebeu a certificação da Rede. Ela afirma que com os conhecimentos adquiridos sobre os malefícios dos agrotóxicos (cita que uma vizinha acabou de morrer com câncer, a região é num vale e usam agrotóxico naquele lugar, o ar não circula e lá tem sempre uma pessoa que morre com essa doença), portanto, ela nunca mais usaria veneno, mas mora com o sogro que usou durante 32 anos, parou de usar porque estava cansado e hoje juntos estão ampliando a produção agroecológica.

O Deslocamento no Território e as Relações

Dentro desse contexto, os deslocamentos realizados pelas mulheres rurais possuem fundamental importância para esse movimento emergente que constitui o campo das novas ruralidades, pois são elas que: atuam na modificação da representação da mulher rural, contribuem para a manutenção da família no campo, realizam as atividades culturais/religiosas, articulam as redes de sociabilidade comunitária, encarregam-se da transmissão dos saberes tradicionais, preocupam-se com a garantia de estudos dos/as filhos/as, e fortalecem a transição para o modelo de agricultura orgânica (SUÁREZ, 2008; KARAM, 2004).

Esses deslocamentos e modificações nos espaços rurais ainda requerem outras rupturas e transformações, sobretudo nos aspectos das relações de gênero, de modo a exigir para constituição de novas ruralidades a construção de novas relações sociais pautadas em princípios não sexistas. Visto que, no âmbito do trabalho essas mulheres se destacam como as principais responsáveis pelos trabalhos domésticos e os trabalhos agrícolas de maior renda.

No território em estudo o que chamou a atenção foi a liderança, empoderamento e autonomia das mulheres frente a produção de base ecológica, defendendo a agroecologia e resistindo ao uso de produtos químicos, conhecedoras da relação de doença com contaminação ambiental.

Através das mudanças e práticas agroecológicas foi possível amparar a permanência das famílias e a continuidade dos sucessores no campo, as quais propiciam o manejo sustentável dos solos, a conservação dos recursos naturais (previnem a exposição direta aos agrotóxicos, melhora a qualidade do ar, do

solo, das águas superficiais e subterrâneas), bem como valorizam os saberes tradicionais e a independência dos pequenos agricultores, que comercializam seus produtos sem a presença de um intermediário (essa é uma defesa muito forte das mulheres agricultoras).

Na fala da MuAg 1, ela diz: “Só entra um atravessador na minha propriedade por cima do meu cadáver”, isso evidencia a resistência, independência, empoderamento e a autonomia conquistada no decorrer do processo de construção da agroecologia. Priorizam a produção saudável, cuidado da saúde e a proximidade dos clientes todas as semanas nas Feiras Ecológicas e Sustentáveis, promovidas pela Coonalter em Passo Fundo-RS.

As reflexões em relação aos contextos rurais nos convidam ao entendimento da construção de diferentes formas de estar e vivenciar a(s) ruralidade(s). As mulheres aqui se conscientizaram vislumbrando uma vida produtiva sem agrotóxicos, e demonstram que as inter-relações são constantemente (re)criadas conforme as novas condições e necessidades. Dentro desse campo as mulheres lutam por visibilidade e novos espaços, que nem sempre são pacíficos e fáceis de serem negociados. Inclusive há um movimento forte crescente do “sem feminismo não há agroecologia” (CSM, 2019), com a valorização da mulher nessa construção de sistemas autossustentáveis (ANDERSON *et al.*, 2019).

A reflexão que se traz para o campo agroecológico é a importância e a convergência entre o feminismo e a agroecologia. Compreendemos a agroecologia como um projeto de vida e não como um modelo de produção e, neste sentido a teoria crítica feminista fortalece a luta das mulheres enquanto sujeito político de direitos, que se materializa pelo direito à fala, à terra, à água, no acesso às políticas públicas e no processo de empoderamento das mulheres rurais.

Conclusão

A agroecologia vista como um projeto de vida onde se prioriza o respeito entre os seres humanos e também deles com a natureza, aquela que preza pela horizontalidade, preocupando-se com todo o sistema agroalimentar desde a produção até a comercialização, e que busca a participação de todos os indivíduos e o comprometimento com a coletividade sem a luta das mulheres por maiores espaços inclusive nas esferas decisórias e de poder pode não atingir toda a completude de uma mudança de paradigmas a que se propõe.

As mulheres ainda têm muito que contribuir com suas experiências e conhecimentos não só para com os grupos, as comunidades e também para o desenvolvimento mais equitativo e sustentável, sem as mulheres e sem o feminismo, agroecologia é vista de forma mais ampla e pode não existir.

Segundo as mulheres agricultoras, é importante o envolvimento dos companheiros, mesmo quando os sistemas são geridos por elas, pois, na agricultura, existe um conjunto de atividades que demanda uma dinâmica de colaboração, de ajuda mútua. Todavia, elas destacam que é fundamental, para garantia de sua autonomia, que disponham dos conhecimentos sobre a produção, o manejo, as tecnologias e que a infraestrutura se apresente como uma conquista delas. Assim, há uma valorização do seu trabalho e a adesão da

família para a colaboração nos sistemas produtivos geridos por elas.

A divulgação das experiências produtivas desenvolvidas pelas mulheres se constitui num relevante instrumento de empoderamento e de autoestima. O intercâmbio de experiências entre as mulheres é um instrumento eficiente na multiplicação dos saberes, elas se reconhecem com mais facilidade nas propostas agroecológicas. Outro aprendizado é que as mulheres apresentam maior abertura para novos conhecimentos e para experimentar, porque partem do princípio de que “não sabem nada” sobre produção e comercialização. Ao contrário desse pensamento, descobrem que têm muitos saberes e competências acumuladas, apenas não eram valorizados nem visualizados. Assim, as mulheres agricultoras são construtoras de conhecimento, trocando saberes com outras mulheres e mostrando as diversas possibilidades e habilidades que a agroecologia e o feminismo promovem na vida das pessoas.

Por fim, um olhar para as novas ruralidades evidenciou a utilização de tecnologias, as mudanças no processo de trabalho, o desenvolvimento rural, o trabalho cooperativado dos grupos, o fomento da agroecologia e a apropriação dos processos de comercialização são alguns dos fenômenos que fortaleceram a migração e a permanência dessas mulheres neorrurais.

Referências

ACTIONAID BRASIL; GRUPO DE TRABALHO MULHERES DA ANA (Orgs.). **Mulheres e Agroecologia**: Sistematizações de experiências de mulheres agricultoras. Rio de Janeiro: Farache Comunicação, 2010. v. 1.

AIAASTD. INTERNATIONAL ASSESSMENT OF AGRICULTURAL KNOWLEDGE, SCIENCE AND TECHNOLOGY FOR DEVELOPMENT. **Agriculture at a Crossroads**. Synthesis Report. A Synthesis of the Global and Sub-global. Washington: Beverly D. McIntyre et al. 2008.

ANDERSON, Colin Ray; PIMBERT, Michael Patrick; CHAPPELL, Michael Jahi; BREM-WILSON, J.; CLAEYS, P.; KISS, Csilla; MAUGHAN, C.; MILGROON, J.; McALLISTER, G.; MOELLER, N.; SINGH, J. Agroecology now - connecting the dots to enable agroecology transformations. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 44, n. 5, p. 561 - 565, 2020.

ANDERSON, Colin Ray; BRUIL, Janneke; CHAPPELL, Michael Jahi; KISS, Csilla; PIMBERT, Michel Patrick. From Transition to Domains of Transformation: Getting to Sustainable and Just Food Systems through Agroecology. **Sustainability**, v. 11, p. 52 - 72, 2019.

BASCHE, Andrea D.; EDELSON, Oliver F. Improving water resilience with more perennially based agriculture. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 41, n. 7, p. 799 – 824, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

BECKER, Fernando. Ensino e construção do conhecimento: o processo de abstração reflexionante. **Educação & Realidade**, v. 18, p. 43 - 52, 1993.

BURIGO, André Campos; VAZ, Bernardo Amaral; LONDRES, Flávia; NETTO, Guilherme Franco; MENEZES, Marco Antônio Carneiro; PACHECO, Marília Emília Lisboa; SOUZA, Natália Almeida; PETERSEN, Paulo. **Caderno de estudos: saúde e agroecologia**. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2019.

CARNEIRO, Fernando; RIGOTTO, Raquel; GIRALDI, Lia; PIGNATI, Wanderlei.; RIZZOLO, Anelise; ALEXANDRE, Veruska Pradro; FARIA, Neice Muller Xavier; FRIEDRICH, Karen; MELLO, Marcia Sarpa de Campos. **Dossiê ABRASCO - Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

CSM. Civil Society and Indigenous Peoples Mechanism. **Without feminism there is no agroecology. Towards healthy, sustainable and just food systems. An input and vision paper of the CSM working group of Women**. Rome: Civil Society and Indigenous Peoples Mechanism (CSM). 2019. 26p. Disponível em: <http://www.csm4cfs.org/wp-content/uploads/2019/10/CSM-Agroecology-and-Feminism-September-2019_compressed.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2020.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FARIA, Neice Müller Xavier; FASSA, Anaclaudia Gastal; FACCHINI, Luiz Augusto. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 25 - 38, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GLISSMAN, Stephen. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4ª ed. - Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2009.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 303 - 320, 2004.

LITTLE, Jo. PANELLI, Ruth. Gender Research in Rural Geography. **Gender, Place and Culture**, v. 10, n. 3, p. 281 - 289, 2003.

POLETO, Ângela Regina. **Processo de trabalho e saúde mental de trabalhadores agrícolas familiares da microrregião de Ituporanga, Santa**

Catarina. 2009. Tese (Doutora em Engenharia de Produção) - Programa em Engenharia de Produção e Sistemas, UFSC, Florianópolis – SC.

PRETTY, Jules N. Participatory Learning for Sustainable Agriculture. **World Development**, v. 23, n. 8, p. 1247 - 1263, 1995.

REGANOLD, John. P.; WATCHER, Jonathan M. Organic agriculture in the twenty-first century. **Nature Plants**, v. 2, p. 1 – 8, 2016.

ROVER, Oscar José. Agroecologia, mercado e inovação social: O caso da Rede Ecovida de Agroecologia, **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 56 - 63, 2011.

SANTOS, Christiane Fernandes; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; ARAÚJO, Iriane Teresa; MAIA, Zildenice Matias Guedes. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 33 – 52, 2014.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. Alimentação como um tema político das mulheres. In: Rocha, C. (Org.). **Segurança alimentar e nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013, p. 187 – 198.

SILVA, Flávia Regina Fernandes. **Gênero e Agroecologia: Estudo de caso de uma organização produtiva de mulheres camponesas em Laranjeiras do sul Paraná**. 2016. Dissertação (Mestrado em Agroecologia), Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Paraná.

SILVA, Mylena; SILVA, Luana; SILVA, Luiza; SILVA, Thayná; FREITAS, Karine; JALIL, Laeticia. Importância das feiras agroecológicas para as mulheres e para a construção da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, p. 4 – 25, 2018.

SUÁREZ, Nelly del Carmen. Procesos y dinámica rurales. Una lectura desde el enfoque de género. **Revista Luna Azul**, 27, p. 94-103, 2008.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006.

VALOURA, Leila de Castro. Paulo Freire: o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador. In: **Social residency: an innovative program by comunicarte**. Comunicarte: 2011, p. 20 – 31.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.

Márcia Gilmara Marian Vieira, Jocimar Fischer, Cláudia Petry

